

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTO E TEXTO



**DIA DESSES FUI CONVIDADO** por uns amigos para visitar um barzinho onde uma amiga do casal, cantora de MPB, voz e violão, se apresentaria. Nada mais cara de barzinho descolado e programa gostoso para um fim e tarde quente. A menina tinha uma afinação perfeita e, como diria minha avó, uma voz maviosa, afora a simpatia ímpar, com um ‘plus a mais’; cantava sem a famosa ‘dália’ eletrônica formada por laptops, tablets ou até mesmo celulares. Tudo decorado tim-tim por tim-tim, nota a nota, solfejo por solfejo. Impecável!

Lá pelas tantas, talvez pela madrugada que já se prenunciara há mais de uma hora, ela engrena Claudio Zoli e sua mais conhecida “Noite do Prazer”. Tudo ia muito bem até que... “... Na madrugada vitrola rolando um blues / Trocando de biquíni sem parar...” Ri contidamente, pois quem nunca? Mesmo não tendo muito sentido alguém passar a noite trocando de biquíni, a sonoridade confunde com o nome do Mago do blues e sua inseparável Lucille, apelido que carinhosamente batizou todas as suas Gibson e a delícia de ‘ouvir B. B. King sem parar’.

Nada disso maculou a apresentação impecável da menina/cantora, mas aguçou meu pensamento para outros memoráveis desafios de ‘Cante a letra certa’ ou ‘Qual é a música afinal’. Lembrei de alguns clássicos como “Malandragem”, da saudosa Cássia Eller, onde o príncipe vira sapo e não ‘...Um chato / Que vive dando / No meu saco...’ ou do “Oceano” de Djavan onde o deserto fica ‘amarelo’ em vez de “...Amar é um deserto e seus

*Qual é a música, afinal?*

temores...”. Vamos combinar que para Djavan tudo é possível; letras cheias de simbologias intrínsecas em que até o deserto pode ter tremores sendo amarelo, icterícia quem sabe.

Em tempos nos quais a selvageria corre à solta, com essa onda monstruosa de feminicídios e agressões descabidas às mulheres, a letra de “Homem Primata”, dos Titãs, cabe bem na versão incorreta: “...Homem que mata! / Capitalismo selvagem... / Ôoooo Ôooo Ô...!”. Nem os primatas são capazes de tamanha frieza e descabros, transformando ‘ciúmes’ em agressões e assassinatos frios e covardes.

Outra clássica é “Chão de giz” do amado Zé Ramalho, onde as “...Fotografias recortadas / São de jornais de folhas, amiúde...” se tornam internacionais em Hollywood ou a querida Piment-

nha, que não foge à regra, em seu “Bêbado e o equilibrista”, que sonhava “... com a volta do irmão do Henfil, do nosso amado Betinho, e não com um irmão ‘doentil’ ou ainda, em “Como Nossos Pais” onde há uma transformação gastronômica: “... Mas é você, / Que é mal passado que e que não vê...” ao invés de “...Mas é você, / Que ama o passado e que não vê...”.

Na “Pintura Íntima” de Kid Abelha o amor tem jeito de pirata ao invés de virada. Em “SOS Solidão”, Lulu Santos canta “... SOS solidão...”, o que é bem óbvio, mas a galera insiste em mandar uns pontos cardeais ‘Leste-Oeste solidão’. Para Cazuza trocam o ‘puteiro’ por ‘chuveiro’. Imaginem o Brasil virando um banho geral, talvez fosse até interessantes nestes tempos sombrios...

“Na rua, na chuva, na fazenda” de Hyldon “jogar as suas mãos para o céu e a cabeça se acaso tiver” pode ser prenúncio de valorizar a letra, nem que seja com a insuperável dália eletrônica e até o TP.

Essa história me faz lembrar uma viagem, nos anos 2000, para uma matéria especial, que resolvemos jantar à beira do caminho, numa churrascaria dessas bem animadas. A atração da noite era “fulano e seus teclados”. Muito modão, sertanejo e alguns clássicos do cancionário popular. Lá pelas tantas, inovando o repertório, ele resolve interpretar a obra-prima “Rosa” de Pixinguinha e Otávio de Souza. Louvável se não fosse por uma “estaulta” logo no início.

São os bailes da vida ou num bar em troca de pão, quem sabe a música?